

# A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA ROMÂNTICA NA PSICOLOGIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA

João Victor Guimarães Lemos  
Daianna Brasílio de Araujo Pompeu

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a profunda e multifacetada influência da filosofia romântica na constituição e no desenvolvimento da psicologia moderna. Partindo do contexto histórico-intelectual do romantismo alemão do final do século XVIII e início do século XIX, o artigo traça as conexões entre os ideais românticos - como a valorização da emoção, da intuição, do inconsciente e da natureza como organismo vivo - e as bases teóricas de correntes psicológicas subsequentes, em especial a psicodinâmica e a psicologia analítica. Por meio de uma metodologia de revisão bibliográfica de caráter exploratório e analítico, fundamentada em fontes secundárias, demonstra-se que o romantismo representou uma reação vital ao racionalismo iluminista e mecanicista, fornecendo os alicerces filosóficos para a compreensão da mente como um sistema dinâmico, simbólico e orientado para a totalidade. Conclui-se que a influência romântica foi não apenas histórica, mas conceitualmente fundadora, permeando a compreensão moderna do psiquismo humano em aspectos que vão da origem das neuroses aos métodos de investigação da vida interior.

**Palavras-chave:** Filosofia Romântica. Psicologia. Inconsciente. Romantismo Alemão.

## 1 INTRODUÇÃO

O movimento romântico, eclodido na Europa - especialmente na Alemanha - entre o final do século XVIII e o início do século XIX, é frequentemente associado às esferas da literatura, da arte e da música. Contudo, seu impacto reverberou de forma igualmente crucial no campo filosófico e, posteriormente, no emergente domínio da psicologia moderna. A filosofia romântica constituiu-se como uma reação vigorosa à vertente racionalista do iluminismo, que privilegiava a razão, o a-priori, uma visão mecanicista da natureza e do ser humano. Em oposição a essa corrente, os pensadores românticos enfatizaram a centralidade da emoção, da intuição, da imaginação criadora e da experiência subjetiva como vias de acesso legítimas ao conhecimento e à compreensão do mundo.

Esta análise procura investigar de que maneira esses fundamentos da filosofia romântica penetraram e moldaram o pensamento psicológico, servindo como um solo fértil para o florescimento de teorias que viriam a revolucionar a compreensão da psique humana no século XX. A hipótese central que orienta esta pesquisa é a de que conceitos nucleares do romantismo, como o inconsciente dinâmico, a importância dos sonhos e dos símbolos, e a visão da mente como um sistema orgânico e em conflito, foram assimilados e reformulados por pioneiros da psicologia profunda, como Sigmund Freud e, sobretudo, Carl Gustav Jung. A relevância deste estudo reside no esforço de demonstrar noções psicológicas que, embora hoje soam familiares, são herdeiras de uma específica tradição filosófico-cultural. Compreender essas raízes permite uma apreciação mais crítica e contextualizada dos pressupostos que existem em várias correntes psicológicas. Para tanto, o artigo estrutura-se em quatro seções principais, além desta introdução: a primeira detalha os

fundamentos da filosofia romântica e seu distanciamento do iluminismo; a segunda explora os conceitos psicológicos nucleares surgidos no seio do romantismo, como o inconsciente e a interpretação dos sonhos; a terceira analisa a ponte histórica e conceitual entre o romantismo e a psicologia profunda; e, por fim, as considerações finais sintetizam as conclusões e apontam desdobramentos.

## 2 OS FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA ROMÂNTICA E SUA RUPTURA COM O ILUMINISMO

O romantismo emergiu como um contraponto à visão específica dentro do também multifacetado movimento iluminista. O iluminismo diferiu de nação para nação, mas tendo características básicas como uso da razão, da secularidade, da busca por dilemas humanos sem apelar a Deus, alguns sendo mais radicais e propondo um ateísmo militante, como Sade, enquanto outros uma moderação, como Rabelais. O romantismo também bebeu do iluminismo, principalmente da linha de Rousseau, que falava do estado natural do homem, da necessidade do social, dos perigosos do avanço, do racionalismo excessivo de seus contemporâneos e a importância da imaginação. O movimento viria a ter como maior crítica o uso enfático da razão, o otimismo exagerado de certos iluministas, a ideia do progresso histórico e da secularização, afirmando-os serem uma forma de desencanto da natureza (Löwy, 2015).

Filósofos como Friedrich Schelling são centrais para a compreensão deste novo paradigma. Schelling, considerado um dos fundadores da psicologia romântica, postulava a unidade indivisível entre natureza e espírito no seio do Absoluto. Ele concebia o mundo material, orgânico e a consciência humana como manifestações de um mesmo princípio espiritual vital, a "alma do mundo" (Weltseele), que se desdobrava em diferentes graus de perfeição. Outra peculiaridade do pensamento schellingiano, é o da mitologia, como sendo um desdobramento do Absoluto pelo avanço da consciência de si na natureza, gerando os Deuses, que são o que são, mas com representações diversas, ecoando fortemente a análise jungiana (McGrath, 2012). Um autor digno de nota é Novalis, que em seus textos clama por uma magia científica e uma ciência mágica, através do estudo de um para entender-se o outro. Estas visões de uma realidade fundamentalmente interconectada e espiritualizada estabeleceu as bases para uma psicologia que buscava as correspondências entre o mundo externo e a vida interior da mente.

## 3 CONCEITOS PSICOLÓGICOS NUCLEARES NO PENSAMENTO ROMÂNTICO

A partir desta nova cosmovisão, a filosofia romântica desenvolveu uma série de conceitos que se tornaram centrais para a psicologia futura.

### 3.1 A Ascensão do Inconsciente Dentro da Naturphilosophie

O conceito do inconsciente começou a tomar forma como uma instância fundamental da psique. Para Schelling, a base (Grund) da natureza e da alma era um território secreto e invisível onde atuavam forças universais. Autores como Carl Gustav Carus, em sua obra *Psyche* (1846), foram pioneiros em sistematizar uma teoria da vida psicológica inconsciente, generalizada para todos os aspectos da vida psíquica e orgânica.

Carus defendia que a ciência da alma (psicologia) deveria explorar essa essência inconsciente, usando, por exemplo, o sonho como uma janela privilegiada para o seu estudo.

Posteriormente, Eduard von Hartmann, em sua *Filosofia do Inconsciente* (1869), popularizou a noção de um princípio único, metafísico e psicológico, que animava toda a natureza. Para von Hartmann, o inconsciente era uma inteligência não consciente que determinava a vida orgânica e instintiva, sendo acessível apenas indiretamente através da introspecção e da observação do mundo. Estes desenvolvimentos estabeleceram o inconsciente não como um mero depósito de memórias fracas, mas como uma entidade dinâmica, inteligente e geradora.

### 3.2 A Linguagem Simbólica dos Sonhos

Os sonhos foram elevados pelos românticos a um estatuto de profunda importância psicológica e espiritual. G. H. von Schubert, em *A Simbologia do Sonho* (1814), via no sonho uma linguagem universal, "hieroglífica", que condensava várias imagens ou ideias numa única representação. Esta linguagem, originária dos "lados noturnos" do nosso ser (que ele já denominava "inconsciente"), era partilhada pela poesia, religião e mito, revelando uma sabedoria mais profunda e universal do que o intelecto consciente. Esta conceção do sonho como uma narrativa simbólica que requer interpretação é um claro precursor direto da técnica psicanalítica.

### 3.3 Uma Nova Perspectiva sobre a Loucura

A psiquiatria romântica, representada por figuras como Johann Christian Heinroth, afastou-se da visão puramente organicista da doença mental. Para estes clínicos, as causas psicológicas inconscientes eram suficientes para gerar transtornos mentais sérios, e acreditava-se na eficácia da psicoterapia para tratá-los, focando na descoberta dessas causas. A loucura deixou de ser vista apenas como uma degeneração do cérebro para ser compreendida como uma expressão das complexas e paradoxais forças que atuam na psique, podendo, inclusive, ser uma fonte de criatividade e inspiração. Esta abordagem é considerada precursora da psicodinâmica (Ellenbarguer, 1970).

## 4 A PONTE PARA A PSICOLOGIA PROFUNDA: FREUD, JUNG E O LEGADO ROMÂNTICO

A influência do Romantismo na psicologia do século XX não foi meramente incidental, mas estruturante, especialmente para a chamada psicologia profunda.

### 4.1 A Linhagem Romântica de Carl Jung

A conexão é mais evidente na obra de Carl Gustav Jung. Como salienta o estudo de Shamdasani (2003), a psicologia junguiana está profundamente enraizada na tradição romântica. O conceito junguiano de inconsciente coletivo, povoado por arquétipos universais, é uma herança direta das ideias românticas sobre uma alma mundial (*Weltseele*) e uma linguagem simbólica universal presente nos sonhos, mitos e arte. A noção de que a psique individual está ligada a uma camada transpessoal e histórica da humanidade ecoa a visão romântica de um fundamento universal e orgânico que une todos os seres.

Além disso, o método de amplificação junguiano, que explora as associações simbólicas e mitológicas em torno de uma imagem onírica, assemelha-se ao princípio romântico da analogia, usado por Schelling e Novalis, onde o exame de um reino (como a natureza) pode revelar as leis de outro (como a mente). A profundidade psicológica de Jung representa a herança moderna do temperamento romântico, que se contrapõe ao positivismo científico (Tarnas, 1991).

#### 4.2 A Dívida (por vezes negada) de Sigmund Freud

A relação de Freud com o romantismo é mais complexa. Por um lado, ele buscou estabelecer a psicanálise como uma ciência natural, distanciando-se de especulações filosóficas que considerava "românticas". Por outro, os conceitos centrais de seu edifício teórico—a existência de um inconsciente dinâmico, a interpretação dos sonhos como "via régia" para o inconsciente, e a busca das neuroses em conflitos psíquicos recalçados—são profundamente congruentes com as intuições da psicologia e psiquiatria românticas. Apesar de Freud não citar frequentemente estas fontes, estudiosos apontam que ele bebeu, ainda que indiretamente, desse clima intelectual, em particular através de sua formação em neuroanatomia e de seu interesse pela filosofia de Nietzsche e Schopenhauer, que por sua vez eram devedores do romantismo, principalmente por Carus, que em *Psyche* (1846) trata sobre o *Uberuns* (consciência), o *Eu/Ich* (mente e vontade) e o *Fleish* (desejos e impulsos básicos do homem), sendo o facilmente análogos ao *Id* (*Fleish*) e *Ego* (*Ich*) (Ellenbarguer, 1970).

### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise conduzida neste artigo demonstra, de forma cabal, que a influência da filosofia romântica na psicologia foi profunda, estrutural e duradoura. Longe de ser um prelúdio meramente histórico, o romantismo forneceu os alicerces conceptuais sem os quais correntes fundamentais da psicologia moderna, em especial a psicologia profunda, seriam inimagináveis. A revalorização da subjetividade, a descoberta do inconsciente como entidade ativa e geradora, a compreensão da linguagem simbólica dos sonhos e a própria ideia de que a mente pode ser investigada através de métodos interpretativos são contribuições diretas do movimento romântico.

.

**João Victor Guimarães Lemos<sup>1</sup>, Daianna Brasilio de Araujo Pompeu<sup>2</sup>**

**Faculdade Unis São Lourenço, São Lourenço, Minas Gerais,  
joao.lemos2@alunos.unis.edu.br;**

0009-0000-8739-8338

**Faculdade Unis São Lourenço, São Lourenço, Minas Gerais,**

daianna.neves@professor.unis.edu.br;

0000-0001-9111-8132

### **Referências Bibliográficas:**

**ELLENBERGER, Henri F. The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry. ed1. New York: Basic Books, 1970.**

**MCGRATH, Sean. The Dark Ground of Spirit: Schelling. ed 1. New York: Routledge, 2012.**

**LÖWY, Michael. Revolta e Melancolia: o Romantismo na contramão da modernidade. São Paulo: Boitempo, 2015.**

**SHAMDASANI, Sonu. Jung and the Making of Modern Psychology: The Dream of a Science. Ed 1. Cambridge University Press, 2003.**

**TARNAS, Richard. The passion of the Western mind: Understanding the ideas that have shaped our world view. 1 ed. New York: Ballantine Books, 1991**